

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
7 e 24 de Julho de 2023
HARRY BELAFONTE, *IN MEMORIAM*

BUCK AND THE PREACHER / 1972 Direito por Linhas Tortas

Um filme de Sidney Poitier

Argumento: Ernest Kinoy, a partir de uma história de Drake Walker / *Diretor de fotografia (35 mm, cor, formato 1x85):* Alex Philips Jr. / *Cenários:* Sidney Z. Litwack / *Figurinos:* Guy Verhille / *Música:* Benny Carter / *Montagem:* Pembroke J. Herring / *Som (mono):* Tom Overton / *Interpretação:* Sidney Poitier (*Buck*), Harry Belafonte (*o pastor*), Ruby Dee (*Ruth*), Cameron Mitchell (*Deshay*), Drake Walker (*o velho*), Denny Miller (*Floyd*), John Kelly (*o xerife*), Enrique Lucero (*o chefe índio*), Nita Talbot (*a proxeneta*) e outros.
Produção: E.&R., Production e Belafonte Entreprises; distribuição pela Columbia / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 102 minutos / *Estreia mundial:* Alemanha Federal, 17 de Março de 1972 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Monumental), 16 de Maio de 1972.

Buck and the Preacher foi a primeira das nove longas-metragens realizadas por Sidney Poitier, já mais do que consagrado como ator, depois de cerca de vinte anos de carreira. Não terá sido por coincidência que o co-protagonista do filme é Harry Belafonte, que foi, com Poitier, o primeiro negro a ter papéis importantes em Hollywood e sobretudo papéis de personagens não subalternos e/ou subservientes. Ambos tinham um porte elegante, uma pronúncia educada, eram bons atores e - a não ser aos olhos dos racistas absolutos - belas figuras. Note-se que Poitier nasceu por acaso em Miami mas era originário das Bahamas, onde viveu até aos quinze anos, quando foi viver com parentes na sua cidade natal. Devido a isto, nota ele nas suas memórias viveu *“os primeiros quinze anos da minha vida livre daquela esmagadora imagem negativa de si mesmas que era martelada na cabeça das crianças negras”* na grande democracia estrelada. Tanto Poitier como Belafonte foram militantes da causa negra nos anos 50 e 60, partidários de Martin Luther King, o que valeu a Poitier (que já era visto por alguns como o tipo do negro *bonzinho* de que os brancos gostavam) não poucos ataques e polémicas por parte dos partidários dos Panteras Negras, da luta armada e da violência.

O ponto de partida de **Buck and the Preacher** foi fazer um western protagonizado por negros (o excelente argumento é baseado numa história escrita por um negro, Drake Walker, que faz o papel do ancião), pois Poitier sempre se surpreendera na infância ao não ver um único negro nos westerns, género de que era fã incondicional e o filme é dedicado *“aos homens, mulheres e crianças cujos túmulos são tão pouco gravados quanto o lugar deles na História”*. Como assinalou um crítico à época, o tom *“é firmemente acusatório, mas está muito longe da militância negra”* e não menos longe da *blaxploitation*, então no auge. Note-se que em 1972 o *western* estava por assim dizer morto e sobrevivia através da forma peculiar de *pastiche* que é o western europeu, esparguete ou paelha. Mas no contexto histórico americano este é um género ideal para abordar a questão negra e Poitier situou o seu filme no período imediato ao fim da Guerra de Secessão, a guerra civil de seis anos (1864-70) que pôs fim à escravidão negra e foi imediatamente seguida pela instauração oficial da segregação racial no sul do país, com as Leis Jim Crow, que ficaram em vigor até 1965. Por conseguinte, quando o filme foi feito a questão dos direitos cívicos dos negros ainda era ardente e o facto de um western ser povoado sobretudo por negros era insólito.

Devido aos custos proibitivos impostos pelos sindicatos de técnicos americanos, **Buck and the Preacher** foi rodado no México. E originalmente não deveria ter sido realizado por Poitier, embora ele estivesse absolutamente apaixonado pelo projeto, que foi ideia dele, que acompanhara todas as suas etapas. Poitier e Belafonte confiaram a realização a Joseph Sargent, mas ficaram desapontados com os primeiros *rushes* (“*ele estava a filmar aquilo como se fosse um programa de televisão*”, observou Cameron Mitchell, um dos atores do filme) e o desapontamento foi crescendo, até que o contrato foi rescindido e Poitier assumiu a realização. O resultado é um belo objeto cinematográfico, feito com esmero e inteligência, sem nunca ser amaneirado ou artificialmente original (é lamentável que esta cópia obedeça aos absurdos critérios americanos em relação à digitalização de filmes feitos em película: pôr tudo em foco e em primeiro plano, o que dá por vezes a impressão de que os atores não estão num cenário natural, mas diante de uma fotografia). O argumento aborda um dos grandes temas do western clássico: o périplo de um grupo de colonos, em busca de terras onde se instalem e recomeçarem as suas vidas (“*we go west*”, diz o personagem de Poitier numa das primeiras sequências), com a diferença que estes colonos são negros e que aqueles que os rechaçam e atacam não são índios, mas brancos. O périplo se transforma quase numa fuga, pois os perseguidores não desistem até serem mortos no grande tiroteio final. Mas se o tema narrativo é diretamente saído do western clássico e se não faltam os obrigatórios e indispensáveis tiroteios e cavalgadas, a *mise en scène* tem muitas diferenças com a do período clássico, contrariamente a outro western do mesmo período, o magnífico **Ulzana’s Raid**, de Robert Aldrich. Entre as características estilísticas que afastam o filme de Sidney Poitier do western clássico podemos assinalar o ritmo narrativo deliberadamente lento, longe do dinamismo da narrativa cinematográfica clássica, o que aproxima o filme do western europeu, embora **Buck and the Preacher** seja tudo menos um *pastiche* ou um exercício de estilo. A escassez dos diálogos e sobretudo da música, que em nada se assemelha às ambições sinfónicas da música do cinema clássico, coadunam-se muito bem com esta lentidão, o que reforça a coerência formal do filme. É nessa lógica que o assalto ao banco faz-se em meio a um silêncio absoluto e que o xerife é morto silenciosamente com uma facada, fora de campo (estas duas ideias poderiam perfeitamente estar presentes num western clássico, pois o filme não rompe nem viola o género, por assim dizer atualiza-o). A configuração dos dois protagonistas também reata com as tradições narrativas clássicas: Buck é o herói puro e com convicções sólidas, o falso pastor é um escroque bastante inofensivo, que, sem que isto seja jamais verbalizado de modo pedagógico, adere à causa do outro por se tratar da causa da raça desprezada e espezinhada a que pertence. Como é evidente num western, este lento percurso é pontuado por explosões de violência, longamente pormenorizada quando se trata dos sádicos ataques perpetrados pelos brancos, mostrada com surpreendente concisão quando é praticada pelos negros (o momento em que Sidney Poitier faz irrupção na sala do bordel onde os seus inimigos jogam às cartas e dizima-os de uma vez só é especialmente notável). A presença do elemento índio no filme não é artificial nem forçada e permite a surpresa final em que os índios aliam-se aos negros, por breves e decisivos momentos.

No desenlace, depois do longo combate final, o grupo finalmente chega a um verdejante espaço que poderá ser seu, mostrado como uma terra prometida, aquela *promised land where all is peace* evocada no clássico *spiritual Deep River*. A brevidade deste plano final torna-o ainda mais comovente e Poitier fecha o seu filme tal como o começara: o genérico de fim, como o do início, é composto por imagens em sépia, semelhantes às fotografias do século XIX, o que é uma maneira de lembrar ao espectador que a história que acabou de ver reflete um episódio de outra história, a tal que se escreve com *h* maiúsculo.

Antonio Rodrigues